

Algumas Coisas Nunca Deveriam Mudar

Em Busca da Santidade — Parte 5

1 Pedro 1.22–25

Introdução

Um dos presbíteros de nossa igreja me deu de presente uma cópia de uma revista editada por Charles Spurgeon no final dos anos de 1800. Ele foi o famoso pastor da igreja Tabernáculo Metropolitano, em Londres, Inglaterra. Minha cópia foi da edição de fevereiro de 1887. Ela inclui sermões, devocionais e propagandas.

Achei interessante ver que Spurgeon listava os nomes de cada indivíduo que apoiava financeiramente a escola de pastores e o orfanato. Além disso, ainda incluía ao lado dos nomes a quantia que haviam dado no mês. Isso é o que podemos chamar de “levantamento de sustento sob pressão”.

Também achei interessante ler as propagandas que, sem dúvidas, financiavam a publicação da revista. Mesmo depois de 130 anos, esses anúncios chamam atenção. Um deles é de um remédio: “Absolutamente o melhor remédio para tosse, asma e bronquite. Altamente recomendado pelos médicos mais famosos e vendido em todo lugar.” Outra propaganda era para máquina de lavar—obviamente operada à mão—, prometendo fazer “mágicas na sua limpeza”.

Uma das propagandas era para um fogão e prometia “usar metade do carvão para cozinhar uma refeição e ainda resolve problemas na chaminé de casa”. Escrita em letras pequenas abaixo da imagem do fogão está o seguinte testemunho: “A esposa de Spurgeon está satisfeita com o modelo que ela usa.”

Existe também a propaganda de um líquido feito de algas marinhas suecas, o qual fornece um tratamento que “cura imediatamente problemas no pulmão”. Além dessas, existem várias propagandas de comida de bebê que “ajuda numa formação firme de ossos e tecido”.

Várias são as propagandas de estampas para vestidos, algodão e flanelas, além de outras do Sabão Pérola, “o sabão mais excelente do mundo para o rosto”.

Como os tempos mudaram. Comparada a hoje, a medicina daquela época parece tão primitiva. Isso para não mencionar máquinas de lavar roupas operadas à mão, fogão operado à base de carvão e as roupas da moda. Como as coisas mudam! Na verdade, o mundo da moda muda várias vezes no decorrer de nossas próprias vidas. Gostos variam também.

Algumas semanas atrás, eu e minha esposa estávamos conversando com alguns casais, falando

sobre como cada casal se conheceu. Alguns detalhes vieram à tona.

Hoje nós rimos com a história, mas minha esposa se recorda muito bem da vez quando eu apareci à porta de sua casa para o nosso primeiro encontro—eu ia leva-la à igreja. Tem como ser mais espiritual do que isso? Desde então, eu a tenho levado à igreja toda semana!

Estávamos na faculdade. Fui ao seu dormitório vestindo o melhor terno que eu tinha—feito de lã grossa, azul marinho com listras risco-de-giz. Parecia um mafioso. Isso para não mencionar que estava mais de 30 graus lá fora. Não importava; aquele era o meu melhor terno! Também vesti minha camisa azul escuro favorita, acompanhada de uma gravata branca 100% poliéster que quase brilhava no escuro. E decidi usar meu par de sapatos favorito—azul e creme. Quando ela abriu a porta para me receber, quase desmaiou. Pensei que estivesse impressionada. Muitos anos depois, ela me disse o que realmente passou em sua cabeça no nosso primeiro encontro. Ela disse: “Querido, quando você apareceu, eu queria *estar* com você, mas não queria ser *vista* com você.”

Meu conforto é saber que Charles Spurgeon, aquele pastor e editor da revista, deixou uma primeira impressão semelhante quando chegou a Londres para pregar pela primeira vez na igreja que pastorearia por muitos anos. Na época, ele também tinha em torno dos 19 anos.

Uma moça da igreja se lembrou de como a aparência de Spurgeon causava certa distração, quem sabe até mesmo risadas. Ela escreveu em seu diário naquela noite: “Ele estava vestindo um paletó preto de cetim folgado, grande demais para ele; também trazia um lenço azul [que não combinava], estampado com bolas brancas grandes. Ele ainda usou o lenço numa das ilustrações, chamando mais

atenção para ele. Ele despertou em mim sentimentos de comédia.¹

Dentro de dois anos, Spurgeon pediu a mão dessa moça em casamento e ela aceitou. Imagino que com uma condição: ela escolheria suas roupas!

Muitas coisas mudaram desde a publicação dessa revista 150 anos atrás, desde medicina a moda. No entanto, quando o assunto é a definição dos filhos de Deus, algumas coisas nunca deveriam mudar. Existe um elemento peculiar que distingue o crente do mundo, e ele nada tem a ver com moda, higiene e medicina; ele está ligado ao coração. Esse elemento distintivo foi incluído numa obra publicada 1900 anos atrás, escrita pelo apóstolo Pedro, e ele permanece tão verdadeiro hoje como foi no século primeiro.

Acompanhe a leitura de 1 Pedro 1.22–23:

Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente, pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente.

É como se Pedro dissesse que a Palavra de Deus nunca está desatualizada.

Esses versos formam uma sentença comprida, mas você pode circular o verbo principal em torno do qual as demais ideias são construídas. Ele aparece no verso 22: ***amai-vos... uns aos outros***. Se quiser, grife esse imperativo, essa ordem. Desde que o documento de 1 Pedro foi publicado quase dois mil anos atrás, essas verdades jamais mudaram.

Agora, antes de abordarmos o imperativo de amar, permita-me destacar o alicerce desse amor.

Sem esse fundamento, nunca conseguiremos amar como Pedro nos manda amar.

O Alicerce do Amor

O alicerce do amor é descrito no verso 22 como purificação da alma e obediência à verdade.

A obediência à verdade se refere primariamente ao ato de se submeter ao evangelho de nossa salvação. Em 2 Tessalonicenses 1.8, Paulo alerta o descrente que não obedece ao evangelho. Em Efésios 1.13, ele identifica a palavra da verdade como o evangelho.² O próprio Pedro, um pouco mais adiante em sua carta, fala do mundo incrédulo que não obedece ao evangelho (1 Pedro 4.17).

A palavra grega traduzida como *obediência* é um termo composto que combina duas ideias— "ouvir" e "debaixo".³ Em outras palavras, obedecer à verdade é outra maneira de dizer que você ouviu atentamente ao evangelho e em seguida se submeteu à sua ordem de se arrepender e seguir a Cristo. Isso significa que Pedro ensina que, se você ainda não ama o evangelho de Jesus Cristo, então jamais será capaz de amar outra pessoa genuinamente.

Ainda no verso 22, Pedro fala que seus ouvintes tinham *purificado a alma*. Mais uma vez, esse é um sinônimo de conversão espiritual. Pode até parecer aqui que o crente é quem realiza a purificação de sua alma, mas isso é tanto fisicamente impossível como biblicamente incorreto.

O tempo verbal do particípio traduzido como *purificado* nos informa que se trata de um evento passado. No verso 23, ele afirma que eles foram regenerados no passado. Houve um momento no passado quando sua alma foi purificada; foi quando você nasceu de novo espiritualmente por meio da fé em Cristo, quando se arrependeu de seus pecados e confiou em Cristo somente. Pedro chama isso de

regeneração. Portanto, o crente nasce uma vez fisicamente, mas nasce de novo espiritualmente quando é salvo.

Pedro retrata o acontecimento no verso 22 como aquele momento em que sua alma foi purificada. O tempo verbal, na verdade, sugere uma ação no passado, mas cujos resultados continuam no presente.⁴ Como Pedro nos informou, fomos purificados pelo Espírito de Deus através do sangue de Cristo. Agora, precisamos agir de acordo com essa nova realidade.

O profeta Ezequiel contemplou essa realidade espiritual quando profetizou o que Deus faria para os crentes da nova aliança no Novo Testamento. Ele escreveu:

Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis (Ezequiel 36.26–27).

Em outras palavras, o Espírito de Deus purificou sua alma de todo pecado no momento em que você foi salvo. Além disso, Deus deu a você um novo coração e passou a habitar dentro de você como seu templo vivo. Em Cristo, ele alterou permanentemente e eternamente sua posição: de perdido para salvo; de corrupto para incorrupto; de caído para resgatado; de depravado para purificado.

À luz disso, o crente deve escolher exibir um comportamento que melhor se coaduna à sua nova posição e identidade. E como podemos demonstrar eficazmente um estilo de vida correspondente a um novo coração e ao Espírito de Deus que em nós habita? Não será por meio do sabão, roupas, remédio ou fogão que usa, mas pelo seu amor para com os irmãos.

Antes de entrar mais especificamente no assunto, quero que você enxergue essa verdade fundamental a partir de outro ângulo.

Amar genuinamente as pessoas exige obediência à verdade. Isso significa que, se vai amar alguém genuinamente, então você não poderá ouvir a si mesmo, seguir seus impulsos interiores, obedecer aos seus sentimentos íntimos ou se comprometer a seguir o exemplo de outras pessoas. Você terá que obedecer à verdade do padrão de Deus quanto ao que significa viver e amar como um crente. Isso excluirá o orgulho, desejo impuro, rixas egoístas, preconceito e ressentimentos, isto é, tudo o que corrói a alma.⁵

Então, permita-me resumir da seguinte maneira: tendo sido salvo pela verdade do evangelho e sido purificado pela obra do Espírito Santo, o crente, na verdade, tem *agora* o potencial de amar outros com o tipo de amor verdadeiro.

E como esse amor se expressará?

O Imperativo para Amar

Três palavras ou expressões nessa passagem descrevem o amor genuíno. A primeira delas é ***não fingido***. Pedro emprega o adjetivo *hypokritos* acompanhado de uma partícula de negação. O adjetivo origina nosso termo *hipócrito*.⁶ Esse amor não é hipócrita.

Nos dias de Pedro, atores e atrizes usavam uma máscara na frente do rosto. Ela era pintada com uma expressão facial; podia ser uma expressão de feliz ou uma de triste. Os verdadeiros sentimentos dos atores, todavia, estavam escondidos por trás da máscara enquanto faziam seu papel no palco.

O amor no meio dos irmãos deve ser sem encenação; não há máscaras; ninguém finge amar o próximo enquanto esconde seus verdadeiros

sentimentos por trás da máscara. Esse não é o aperto de mão que pensa: “Espero que ele não se sente aqui do meu lado”, nem a pergunta: “E aí, como você está?”, que espera não ouvir nada porque não existe disposição nem interesse de ouvir o que o outro tem a falar.

A outra descrição vem na forma de um advérbio—***ardentemente***. Primeiro, sinceramente; agora, ardentemente. As coisas não ficam mais fáceis, não é?

Entenda o seguinte: enquanto você busca santidade para a glória de Deus, entenda que outras pessoas fazem parte do propósito santificador de Deus para a sua vida. Um autor colocou isso da seguinte forma: ao invés de nos preocuparmos com o motivo por que Deus permite que aquele indivíduo me perturbe, chateie e fira, devemos entender que Deus o usa para me santificar.⁷

Talvez você esteja dizendo consigo mesmo: “Olha, pensar assim exigirá muito de mim.” E Pedro concorda. O advérbio ***ardentemente*** está inserido no contexto atlético e carrega a nuance de “se esticar”.

Pense em um jogador de futebol na linha lateral esperando para entrar no jogo. Ele alonga a musculatura, estica as pernas para um lado e para outro, se curva, mexe-se para os lados e prepara os músculos para o jogo.

Essa é a ideia aqui. Portanto, devemos amar os irmãos mesmo que isso nos leve ao extremo de nossa capacidade; mesmo que nos leve aos limites; mesmo que pareça que sairemos em desvantagem.

Pedro adiciona ainda uma terceira descrição do amor genuíno. Além de sincero e ardente, ele também é intencional—***de coração***. Esse amor não é movido por uma pressão externa, mas por um princípio interno.

O coração é utilizado no decorrer das Escrituras para falar do centro de nosso ser interior, do local onde pensamos e decidimos.⁸ É por isso que Deus pode nos mandar amar. Ele pode ser uma ordem porque o amor *agape* “não é uma questão de sentimento, mas de disposição.”⁹

O amor *agape* envolverá sentimentos e afeições profundos, mas ele começa com uma decisão. Ele não aguarda até que o próximo mereça receber o amor; *agape* não espera por inspiração.¹⁰ *Agape* é um ato da vontade e o corpo segue logo depois. *Agape* é uma decisão do coração e as mãos e pés logo em seguida cooperam.

Por todo o Novo Testamento, *agape* aparece como o tipo de amor que Deus tem para conosco, e nós não merecemos nem uma parcela dele. Não realizamos nada para inspirar seu amor ou atrair sua devoção. Na verdade, Deus demonstrou seu amor ao enviar seu Filho para morrer por nós quando ainda éramos pecadores (Romanos 5.8).

É muito difícil amar pessoas difíceis de amar, mas é possível, pois Jesus nos amou. Agora, ele nos capacita por meio do Espírito Santo a que amemos da mesma forma como ele nos ama.¹¹

Geralmente, ignoramos o fato que, quando Jesus Cristo disse: *Novo mandamento vos dou... assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros* (João 13.34), ele não deu essa ordem à igreja de Jerusalém que rapidamente alcançou a marca de milhares de pessoas. Assim teria sido mais fácil. É muito mais fácil ter que amar três mil pessoas do que um punhado de pessoas. Quando Jesus deu essa ordem, ele estava no cenáculo horas antes de sua crucificação; e ele estava olhando nos olhos de onze homens—os discípulos. Ele estava dizendo, com efeito:

- Pedro, eu sei muito bem que você e João têm personalidade bem diferentes, mas amem um ao outro.
- André, sei como você é cauteloso e raramente faz perguntas, mas Tomé ali precisará de fatos e garantias. Ele é mais lento para dar passos de fé. Então vocês dois terão que se amar.
- Simão Zelote, sei perfeitamente como você odeia os líderes romanos e cada judeu que trai Israel se torna seu inimigo mais íntimo. Mas ali está Mateus do outro lado da sala; ele trabalhava como coletor de impostos, extorquindo dinheiro de seus compatriotas judeus. No decorrer de toda sua vida, vocês estiveram em lados opostos, mas agora precisam amar um ao outro, sem qualquer máscara de fingimento.

Coloquem em prática!

Entenda bem que Jesus não nos manda amar por definição; ele nos manda demonstrar amor por meio da aplicação prática.

Agora, Pedro reforçará o imperativo para amar adicionando mais dois incentivos.

Os Incentivos para Amar

O primeiro incentivo para amar é que o crente faz parte de uma nova família. Novamente, o verso 23 diz: *pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível.*

A locução verbal *fostes regenerados* traduz um verbo grego no tempo perfeito, o que destaca que o novo nascimento ocorreu no passado, mas cujos resultados continuam no presente. O resultado primordial que Pedro tem em mente é o amor pelo próximo.¹² Nós pertencemos à mesma família e essa família durará eternamente!

Júlio o Apóstata, imperador romano do século quarto, comentou, certa vez, que Jesus havia conseguido implantar na mente dos cristãos a crença de que todos eram parentes. Já Minucius Felix, advogado romano que viveu no século terceiro, escreveu sobre os cristãos: “Eles amam uns aos outros mesmo sem ser parentes.”

E sem dúvidas fazemos isso, pois entendemos a verdade do evangelho de João, que diz: ***Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus*** (João 1.12). Nós somos filhos de Deus por meio da fé em Jesus Cristo (Gálatas 3.26). Nós fazemos parte de uma nova família! Portanto, ame seus irmãos e irmãs!

O segundo incentivo para o crente amar é que, além de fazer parte de uma nova família, ele também se encontra debaixo de uma nova autoridade. Veja os versos 24–25:

Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente. Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada.

A citação de Isaías não é coincidência; Pedro não citou essa referência porque era um dos seus versos favoritos da Bíblia. Isaías 40 foi uma palavra de Deus proclamada ao povo de Israel durante os tempos de exílio, durante uma época desencorajadora quando eram estrangeiros em terra estranha, cercados de hostilidade social.

Agora, por meio de Pedro, Deus diz à igreja que ele não se esqueceu de seu povo espalhado; ele não

ignora seu sofrimento. Apesar de parecer que o Império Romano durará eternamente, um dia ele cairá. O que durará para sempre é a palavra de Deus. Sua palavra, sim, permanece eterna.¹³

Remédios mudam; a moda muda; a comida que damos aos nossos bebês muda; o fogão de nossa cozinha muda, mas a palavra do Senhor durará para todo o sempre.

Estamos em uma nova família e debaixo de uma nova autoridade. Por causa disso, seguimos o mandamento de amar um ao outro com um tipo de amor que é sincero, ardente e intencional.

Conclusão

John Henry Jowett foi um pastor fiel que viveu mais de um século atrás. Concluiu com as palavras que ele escreveu em seu comentário em 1 Pedro:

Existe um tipo de amor que se assemelha a um guarda-chuva. Outro amor é como uma grande tenda. Ainda um terceiro amor se parece com o céu imensurável. O objetivo do Novo Testamento é transformar seu guarda-chuva numa tenda e, em seguida, sua tenda numa imensa abóboda celestial. Portanto, expanda as demarcações do amor familiar até que ele inclua seu vizinho; depois, expanda mais para que inclua desconhecidos; por fim, expanda ainda mais, até que inclua seu inimigo.¹⁴

Quando tivermos feito isso, teremos começado a amar como o nosso Senhor nos amou e se entregou por nós.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 11/12/2016

© Copyright 2016 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

-
- ¹ C. H. Spurgeon, *Autobiography: Volume 1* (Banner of Truth, 2005), 180.
- ² Daniel M. Doriani, *1 Peter* (P&R Publishing, 2014), 53.
- ³ D. Edmond Hiebert, *1 Peter* (BMH, 1984), 112.
- ⁴ Hiebert, 111.
- ⁵ Adaptado de Charles R. Swindoll, *Insights on James, 1 & 2 Peter* (Zondervan, 2010), 162.
- ⁶ Fritz Rienecker e Cleon Rogers, *Linguistic Key to the Greek New Testament* (Regency, 1976), 749.
- ⁷ Josemaria Escriva, *The Way* (Doubleday, 2006), 174.
- ⁸ Adaptado de Hiebert, 113.
- ⁹ Warren W. Wiersbe, *1 Peter: Be Hopeful* (David C. Cook, 1982), 57.
- ¹⁰ Swindoll, *Insights on John* (Zondervan, 2010), 263.
- ¹¹ Adaptado de Juan Sanchez, *1 Peter for You* (The Good Book Company, 2016), 61.
- ¹² John MacArthur, *1 Peter* (Moody, 2004), 91.
- ¹³ *The Expositor's Bible Commentary: Volume 13* (Zondervan, 2006), 312.
- ¹⁴ Swindoll, *The Tale of the Tardy Oxcart* (Word, 1998), 359.